

DECOLONIZANDO A PESQUISA: RELATOS COM ESCOLAS POR MEIO DO PIBIC-EM SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE

DECOLONIZING RESEARCH: REPORTS FROM SCHOOLS THROUGH PIBIC-EM ON GENDER AND SEXUALITY

DOI: 10.16891/2317-434X.v13.e2.a2025.id2130

Recebido em: 29.07.2024 | Aceito em: 29.01.2025

**Mayara Ruth Nishiyama Soares^{a*}, Luciana Lobo Miranda^a, Igor de Lima Teixeira^a,
Leonardo Ferreira de Melo Farah Montenegro^a, Alanna Maria da Silva Sousa^a,
Ana Júlia Felícia de Souza Reis^a, José Alves de Souza Filho^b**

Universidade Federal do Ceará – UFC, Fortaleza – CE, Brasil^a

Universidade Federal do Pará – UFPA, Belém – PA, Brasil^b

***E-mail: mayararnishiyama@gmail.com**

RESUMO

Este artigo articula duas pesquisas de mestrado na área de Psicologia que exploram as questões de gênero e de sexualidade, destacando-as como pesquisas participativas realizadas em escolas na cidade de Fortaleza/CE. O objetivo geral é discutir as práticas decoloniais das pesquisas participativas no cotidiano escolar, realizadas por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - Ensino Médio (PIBIC-EM), que investigam questões de gênero e de sexualidade. Utiliza-se o pesquisar COM e a cartografia como método de investigação de pesquisa-intervenção participativa. A pesquisa destacou a importância do enfoque colaborativo entre pesquisadores universitários e estudantes de ensino médio, reconhecidos como co-pesquisadores, resultando em um trabalho que refletiu e articulou as realidades vividas na escola. Além disso, evidenciou-se a necessidade de decolonizar a pesquisa, promovendo saberes oriundos de contextos escolares e desafiando narrativas hegemônicas. A experiência coletiva demonstrou a potência da pesquisa participativa para questionar e transformar práticas e saberes tradicionais na educação.

Palavras-chave: Pesquisa; Escola; Gênero; Sexualidade.

ABSTRACT

This article articulates two master's research projects in the field of psychology that explore issues of gender and sexuality, highlighting them as participatory research carried out in schools in the city of Fortaleza/CE. The general objective is to discuss the decolonial practices of participatory research in everyday school life, carried out through the Institutional Program for Scientific Initiation Scholarships - Secondary Education (PIBIC-EM), which investigates issues of gender and sexuality. It uses COM research and cartography as a participatory research-intervention method. The research highlighted the importance of the collaborative approach between university researchers and high school students, recognized as co-researchers, resulting in work that reflected on and articulated the realities experienced at school. It also highlighted the need to decolonize research, promoting knowledge from school contexts and challenging hegemonic narratives. The collective experience demonstrated the power of participatory research to question and transform traditional practices and knowledge in education.

Keywords: Research; School; Gender; Sexuality.



INTRODUÇÃO

Discutiremos as práticas decoloniais nos processos das pesquisas participativas que investigam gênero e sexualidade no cotidiano escolar desenvolvidas por jovens pesquisadores secundaristas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC-EM). Analisaremos como os processos das pesquisas configuram estratégias de reconhecimento das questões de gênero corriqueiramente marginalizadas pelas formas de controle patriarcais e racistas que atravessam a escola. Logo, questionamos como as nossas práticas de pesquisas configuram políticas de visibilidade de experiências juvenis, outrora subalternizadas pelas desqualificações e violências (re)produzidas no cotidiano escolar.

Consideramos o território escolar um campo de disputas de narrativas e práticas tradicionais dominantes que condicionam as experiências humanas pelas práticas pedagógicas, disciplinando os corpos as regulações das instituições sociais (PINTO, 2014). No Brasil, tivemos investidas das forças conservadoras religiosas que articularam o silenciamento das questões de gênero e sexualidade nos currículos escolares, seja pela criação de legislações ou mesmo com reproduções de pseudoteorias, que reproduzem a desqualificação de vidas consideradas fora dos padrões. Ou seja, são relações de poder que operam normas e hierarquias, determinando as formas de vidas a serem legitimadas (SCOTT, 2019).

Fundado em 2004, o Movimento Escola sem Partido (MESP) operou censuras e violações na liberdade de aprendizado, utilizando familiares e estudantes para “acusar” professores de doutrinadores marxistas que “oprimem” alunos divergentes das ideias da esquerda. Desqualificaram os movimentos em defesa e visibilidade das questões de gênero e sexualidade, pelas denúncias de uma ideologia de gênero (BONASSI, 2021). A família tradicional brasileira (binária, cisheterossexual, monogâmica e cristã) seria, nessa perspectiva, destruída junto com os papéis sexuais do homem e da mulher para instalação de uma ditadura LGBTQIAPN+, como padrão de vida social a ser imposto. Todavia, denúncias à “ideologia de gênero” operavam a partir da disseminação de *fake news* com desqualificação moral de grupos minorizados e da demonização de pessoas favoráveis as

pautas gênero e à diversidade sexual na educação, por exemplo (REIS; EGGERT, 2017; MARACCI; PRADO, 2021).

Na ocasião da tramitação do plano nacional de educação (2014-2024), o MESP, os conservadores cristãos e a bancada ruralista, trabalharam para a retirada das temáticas de gênero e sexualidade. O texto aprovado no congresso refere-se genericamente a erradicação das formas de discriminação na escola. Com a supressão das referências de gênero, o MESP afirmou que “o PNE teria vetado tudo o que pudesse ser associado à “ideologia de gênero” nas políticas educacionais” (VIANNA; BORTOLONI, 2020). No caso do Ceará, o Plano Estadual de Educação “impede, sob quaisquer pretextos, a utilização de ideologia de gênero na educação estadual.” (CEARÁ, 2016, Art. 3. Inciso XV). Conquista dos grupos conservadores cearenses que trabalham nas esferas legislativas para excluir as questões de gênero e de sexualidade do ambiente escolar.

Mesmo com fortes e sistemáticas práticas de silenciamento, a luta e a militâncias das juventudes mobilizaram o cotidiano das escolas. Lembremos de 2015-2016, com a ocupação das escolas públicas pelos estudantes contrários a emenda constitucional do teto de gastos e medida provisória de reforma do ensino médio. Um movimento que lutou pelo protagonismo da juventude da educação pública brasileira para participar das decisões sobre sua formação. Segundo Ribeiro e Pulino (2016), as ocupações visibilizaram questões da juventude brasileira que reivindica participação nas esferas de poder na decisão na construção de direitos e políticas públicas. Collins (2019) chamaria de luta pela autodefinição: na rejeição das imagens controladoras da repressão, construímos nossas humanidades ao nos reconhecermos partícipes das ações com o mundo que queremos transformar.

O lugar de fala dos estudantes e da escola são questões das pesquisas-intervenções que desenvolvemos. Ao construir coletivamente processos metodológicos, problematizamos nossas ações políticas nas pesquisas, discutindo, para o presente estudo, o pesquisarCOM jovens (MIRANDA *et al.*, 2020). Na pesquisa cartográfica, conhecer implica acompanhar os processos no plano coletivo da relação/intervenção com outros. Atualmente, trabalhos com o PIBIC-EM¹, direcionado

¹ O PIBIC-EM tem como objetivos “fortalecer o processo de disseminação das informações e conhecimentos científicos e

tecnológicos básicos e desenvolver atitudes, habilidades e valores necessários à educação científica e tecnológica dos estudantes” (CNPQ, 2012). A duração é 12 (doze) meses, no valor de R\$300,00.

para fomentar o desenvolvimento do pensamento científico e a iniciação à pesquisa entre estudantes de graduação do ensino superior. Similarmente, o PIBIC-EM vincula-se ao PIBIC e ambos compartilham a mesma conceituação. A norma que regulamenta o PIBIC-EM é a RN 017/2006, a qual detalha a finalidade, os procedimentos para concessão, os critérios de julgamento, o pagamento das bolsas, as responsabilidades do bolsista e do responsável pela quota, além de outras disposições finais e normas específicas.

Dentro do meio acadêmico, as formas de pesquisar ainda são muito influenciadas pelo pensamento europeu ou estadunidense, ou seja, do considerado pensamento norte global. Na contramão, a decolonialidade na pesquisa científica na área da Psicologia configura um movimento de resistência às formas hegemônicas. Neste sentido, apostamos que o fomento à pesquisa no Ensino Médio, articulado a pesquisas participativas, pode ser uma estratégia potente de decolonialidade na pesquisa. Compreendemos decolonialidade como uma postura ética, teórica, política e metodológica de fazer ciência que considere os saberes marginalizados como possíveis, deslocando os saberes instituídos (CASTRO-GÓMEZ; GROSFUGUEL, 2007; WALSH, 2009). Numa pesquisa-participativa com PIBIC-EM e decolonialidade, trabalhamos a relação universidade-escola para a construção de saberes coletivos que enfrentam a ordem cis-hetero-patriarcal. Esta é nossa aposta.

PROCESSOS METODOLÓGICOS

Com o intuito de descentralizar o ponto de vista do pesquisador e de trazer à tona a democratização do pesquisar, adotamos, assim, a Pesquisa-Intervenção (PI) como *ethos* teórico-metodológico para a realização desta pesquisa. A PI ancora-se no reconhecimento do pesquisador como um sujeito participante na pesquisa, distanciando-se de um viés de neutralidade (LOURAU, 2004; PAULON, 2005; KASTRUP, 2007), além de afastar-se de uma lógica positivista do pesquisar, que é vislumbrada a partir de um viés de separação entre pesquisador-objeto (ROCHA; AGUIAR, 2003). Ao contrário, buscamos, com a PI, investir na produção de um saber que visa romper silenciamentos e lógicas historicamente engessadas. Trata-se assim da produção de um saber construído na interação como campo, coletivo, em detrimento de uma lógica extrativista em pesquisa.

Lourau (2004) cunhou o termo de análise de implicação em que dizia, em seus estudos acerca da Análise Institucional, uma das bases da PI, que somos objetivados pelo que queremos objetivar (LOURAU, 2004), ou seja, devemos levar em consideração as nossas histórias e vivências, individuais e sociais, que atravessam e são atravessadas pelo pesquisar. O pesquisador transforma o campo, assim como o campo transforma o pesquisador. Trata-se, então, de analisar coletivamente a própria condição da pesquisa e que, embora reconheça os diferentes lugares ocupados pelos atores da pesquisa no campo, busca romper com a hierarquia entre o saber oriundo da academia e do território investigado.

Nesse contexto buscamos realocar os sujeitos pesquisados como co-pesquisadores, construindo uma equidade de saberes, viveres e fazeres, garantindo múltiplas visões e análises dos fenômenos observados nos diferentes territórios escolares, com destaque à atuação dos estudantes sobre o lugar aos quais pertencem: a escola. Portanto, procuramos, aqui, não pesquisar SOBRE o contexto escolar, mas pesquisarCOM a escola e COM os estudantes.

A decolonização da pesquisa deve ser utilizada como instrumento de enfrentamento aos padrões importados e estabelecidos do pesquisar tradicional e verticalizado, sendo ponto central para falar de pesquisa. Assim, essa busca por um pesquisarCOM coletivo nos faz analisar a pesquisa como instrumento de intervenção às injustiças sociais.

As investigações as quais inspiram esta reflexão partem de duas pesquisas guarda-chuva, uma intitulada “Cartografia de práticas culturais periféricas do cotidiano de coletivos juvenis na cidade de Fortaleza” e a outra “Escola, dissidências sexuais e modos de subjetivação: O que se diz com a escola sobre tais sujeitos”. Ambas pesquisas seguem temáticas semelhantes, que tratam sobre expressão de gênero e sexualidade no microcosmos escolar, bem como têm por campo escolas públicas de ensino médio, onde cada instituição guarda suas características, sua singularidade.

A pesquisa foi realizada em duas escolas de Fortaleza/CE. A primeira, localizada na periferia, atendia 1311 alunos divididos em 9 turmas de 1º ano, 9 turmas de 2º ano e 8 turmas de 3º ano do ensino médio. A segunda, próxima ao centro, tinha cerca de 2000 alunos, conhecida pelo alto índice de aprovação em vestibulares e no ENEM,

com 8 turmas de cada ano (1º, 2º e 3º) organizadas em turnos matutino e vespertino.

Na primeira escola, o grupo de pesquisa incluía uma pós-graduanda, três graduandos em Psicologia (dois bolsistas de extensão e um PIBIC) e quatro secundaristas (dois bolsistas e dois voluntários). Na segunda escola, o grupo era composto por um pós-graduando, três graduandos (todos de extensão) e dois secundaristas (um bolsista e uma voluntária). Ambos os grupos atuaram por um ano, focando no primeiro semestre na formação de pesquisadores, com encontros semanais discutindo pesquisa, gênero e sexualidade no contexto escolar.

Durante o primeiro semestre, os grupos cumpriram procedimentos éticos, produziram diários de campo, se apropriaram do projeto de pesquisa e discutiram conceitos de gênero. A pesquisa foi delineada com objetivos, palavras-chave, público-alvo, local, pontos de discussão, metodologia e cronograma. A coleta de dados foi feita por gravação de áudio dos encontros, permitindo a revisitação e a análise das discussões.

Nestes percursos também fez-se uso dos diários de campo como instrumento de análise tendo em vista o que foi proposto por Medrado, Spink e Mélo (2014), onde o diário de campo é um atuante na pesquisa, uma vez que são práticas discursivas carregadas de afetos e implicações produzidas no campo, contribuindo, assim, para o aprofundamento de discussões de análise. Os diários partiam de percepções individuais daquilo que se percebia no grupo, de forma que tratava-se da contribuição individual para uma reflexão que coletivamente era construída. Os formatos das produções nos diários ficavam livres para que todos os participantes da pesquisa pudessem se expressar, então além de registros escritos acerca da temática de pesquisa, ou seja, provocações anotadas sobre gênero e sexualidade dentro e fora do cotidiano escolar, as expressões também vinham com desenhos, fotografias, cartas ou poesias.

Os diários de campo, realizados tanto pelos estudantes bolsistas PIBIC-EM quanto pelos membros do coletivo [Suprimido para revisão às cegas] que estavam participando da pesquisa, tiveram como objetivo principal a análise de percepções, atravessamentos e tensionamentos individuais de cada pesquisador a partir dos acontecimentos em campo. Feitos a partir de uma escrita que variava de acordo com o autor, propusemos a captura de descrições, impressões e questionamentos, o

que, nos ajudaria como ferramenta de análise dos processos observados e vivenciados em campo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para articular ambas as pesquisas, foram elencadas duas cenas na primeira e três na segunda, abordando o processo de formação de pesquisadores como uma possível decolonização do lugar da pesquisa. Entende-se cenas analisadoras como elementos que criam sentido e não apenas refletem uma realidade pré-existente (ROCHA; AGUIAR, 2003).

A contribuição e parceria dos bolsistas PIBIC-EM foram cruciais, facilitando a aproximação entre universidade pública e escola pública e democratizando o acesso à pesquisa científica, especialmente no campo da psicologia escolar e educacional.

As discussões sobre gênero e sexualidade, e suas múltiplas interseções, são relevantes para a existência humana e para os estudantes que estão explorando afetos e construindo seus processos formativos. As pesquisas questionaram e tensionaram as formas tradicionais de fazer pesquisa científica, trabalhando com os estudantes e suas vivências relacionadas a gênero e sexualidade, tanto dentro quanto fora do ambiente escolar.

A pesquisa como truque a criação de um plano comum

A pesquisa de PIBIC-EM “Corpografias (arte)sanais na encruzilhada: Uma pesquisa-intervenção com juventudes na tessitura escolar” tinha como objetivo analisar como estudantes de uma escola pública de ensino médio localizada em Fortaleza/CE enunciam, sobre um prisma interseccional, a percepção de suas corporeidades por meio de dispositivos artísticos no cotidiano escolar. Estava vinculada a uma pesquisa de mestrado intitulada “A gente combinamos de escre(viver)”: pesquisando gênero com estudantes numa escola pública do Grande Bom Jardim ligada aos Projetos Artes Insurgentes: Coletivizando Resistências da Pró-reitoria de Cultura da Universidade Federal do Ceará (UFC) e ao projeto de extensão *É da nossa escola que falamos*.

A primeira cena escolhida, narra o início da formação de pesquisadoras/es, o dia de discussão do projeto de pesquisa com os PIBIC-EM recém selecionados. A formulação do projeto de pesquisa para o edital do PIBIC-EM foi uma adaptação do projeto de

mestrado e envolveu um processo significativo de autocensura. Nós, integrantes do Artes Insurgentes enfrentamos a desafiadora tarefa de remover todas as menções a gênero do projeto original para submissão ao edital e para apresentação à escola. Em um documento de 11 páginas, a palavra “gênero” aparecia 38 vezes, e cada uma dessas ocorrências precisava ser eliminada para garantir a aceitação do projeto. Essa adaptação foi necessária devido ao contexto político dos últimos dez anos, brevemente narrado na introdução, como o avanço do neoconversadorismo e as pautas antigênero, no contexto do Ceará, por exemplo, onde foram removidas todas as referências às palavras gênero e sexualidade no Plano Estadual de Educação. Optamos por realizar um “truque”, uma expressão comum entre travestis e transexuais que descreve formas criativas e possíveis de resolver problemas, similar a “se virar” ou “dar um jeitinho”. Além disso, o termo também pode significar enganar ou enrolar para escapar de uma situação complicada. Este conceito de “truque” não é apenas uma estratégia, mas também uma forma de resistência e sobrevivência em contextos adversos. Era preciso suprimir para poder falar... Esse ato de (auto)censura reflete um ambiente de disputa e tensão em torno das questões de gênero na educação. A proposta de uma pesquisa que investigue essas questões se insere diretamente nesse cenário contencioso, onde as discussões sobre gênero são frequentemente suprimidas ou desvalorizadas.

Desde a concepção do projeto de pesquisa, estávamos cientes de que ele seria parte dessa “guerra”

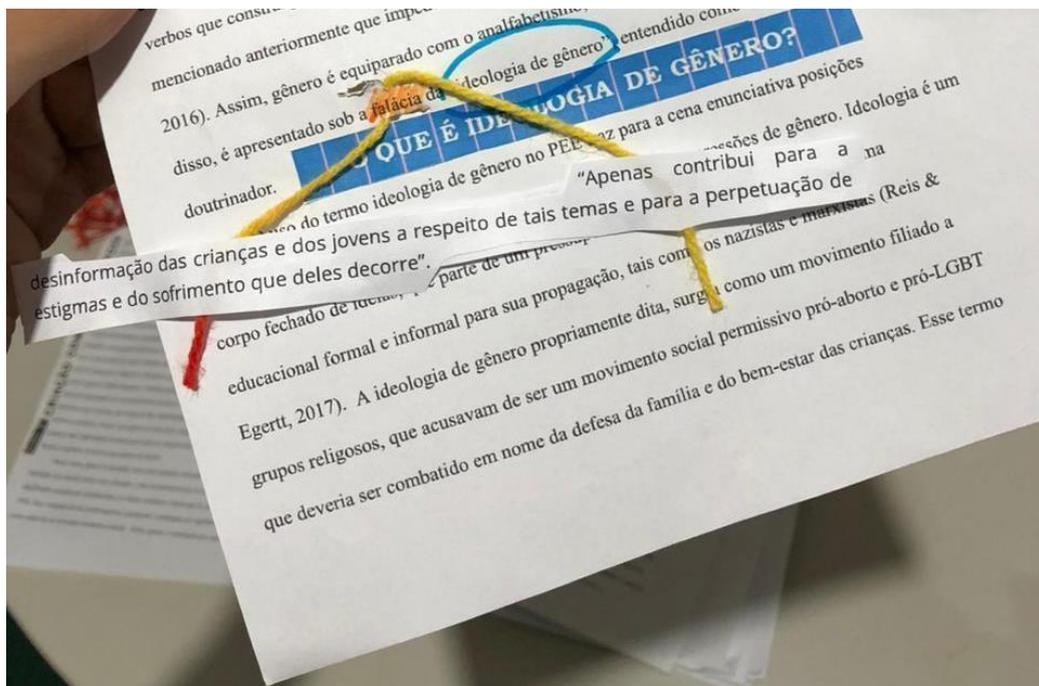
cultural e política. Nossa preocupação principal era evitar que a pesquisa fosse barrada antes mesmo de ser iniciada. Portanto, adotamos a estratégia do “truque” para navegar pelas restrições impostas, assegurando que ele acontecesse, mesmo que as referências explícitas ao gênero precisassem ser removidas. Este acontecimento foi narrado logo no início do PIBIC com o grupo de pesquisadoras/es.

“(…) Porque essa discussão da ideologia de gênero e ter que tirar (Inaudível) a gente conversou sobre isso no grupo, mas a gente no projeto precisou tirar a palavra gênero, precisou esconder, precisou... Mas é muito essa sensação de que assim a gente tá sendo observado, que a gente precisa andar na linha, que qualquer passo em falso a gente vai ser cortado, e enfim, é muito essa sensação de estar sendo observado o tempo todo e que a gente não pode ser, sabe? A gente não pode estar, a gente não pode falar sobre isso. É como se a gente não pudesse sequer existir” (Transcrição do encontro da pesquisa 28/10/2022).

Ao realizar o primeiro encontro com o grupo do PIBIC-EM, decidimos então rasurar coletivamente esse projeto de pesquisa inicial e criar o nosso, sem censura e sem medo de ser feliz. Não só nomeando o nosso objeto de pesquisa, no caso gênero, como também pintando, bordando, riscando, experimentando um projeto de pesquisa COM arte.



Figura 1. Projeto de Pesquisa.



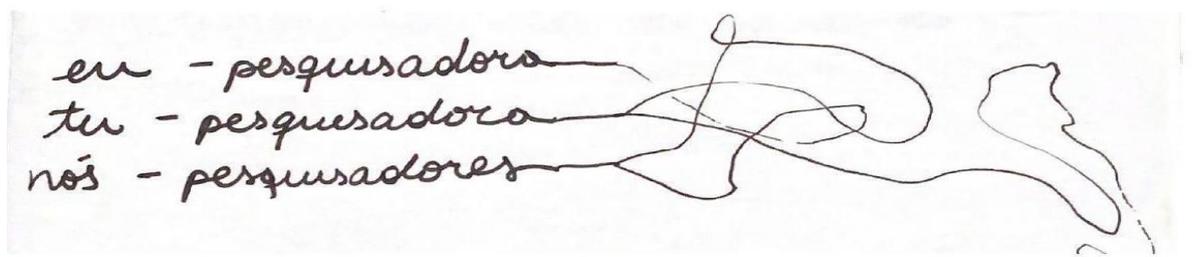
Além do próprio pesquisar COM, evidenciando a promoção de saber oriundo de territórios escolares, desenvolver uma pesquisa sobre gênero e sexualidade no território escolar, diante de um cenário conservador que nos rondava, era também uma forma de decolonizar a pesquisa. Era necessário, através da pesquisa, visibilizar existências que fogem a colonialidade masculina, cis, hétero e binária.

Taremos como análise o dia que o grupo de pesquisa constituído COM alunos do PIBIC-EM decidiu os rumos da pesquisa que iriam desenvolver com a escola. Partimos para a construção de cada etapa do projeto em uma cartolina. A primeira etapa já gerou certa confusão: nossa pesquisa seria quantitativa ou qualitativa? Para a equipe de pesquisadoras universitárias, era óbvio que nossa pesquisa seria qualitativa. No entanto, para as pesquisadoras secundaristas, especialmente para Malakai², a abordagem quantitativa parecia mais interessante. Imaginamos que esse cenário se deu pelo

entendimento de que fazer pesquisa enfocada na quantidade, oferece uma sensação de maior rigor e sucesso. Realmente, parece ter mais impacto dizer quantas mulheres foram violentadas na escola, quantas pessoas são LGBTQIAPN+, quantos casos de assédio ocorreram. Quantificar..., enumerar.... Quantidade, números como tradução de uma inquestionável verdade. Nesse momento, nós pesquisadoras-universitárias insistimos na importância de fazer uma pesquisa qualitativa já que não gostaríamos de saber somente a quantidade, mas escutar e de algum modo acolher os relatos que envolvessem a experiência de gênero e sexualidade na escola. Assim, chegamos em um plano comum, decidimos coletivamente por fazer uma pesquisa quanti-quali, onde a partir quantitativa configurou-se num questionário online via *Google Forms* e a partir qualitativa foram oficinas artísticas. Através da composição de um entre, podemos afirmar que, esta pesquisa não foi da universidade e também não foi dos estudantes, ela foi nossa.

² Nome fictício de uma das pesquisadoras-secundaristas, este foi escolhido por ela como gostaria de ser chamada nas publicações da pesquisa, Malakai é seu nome de grafiterria.

Figura 2. Desenho de um diário de campo (Mayara).



O PIBIC-EM acionou um devir-pesquisador, um coletivo de pesquisadoras/es, uma partilha da agência da pesquisa. Por meio do PIBIC-EM inventamos um modo de pensar/fazer pesquisa em que o sujeito que pesquisa não é um indivíduo mas um coletivo, é um nós. Inspiradas em o que Appadurai (2006) nomeia como direito à pesquisa, entendendo-a como o nome especializado para a capacidade humana de interrogar sobre algo que se quer conhecer, mas ainda não conhece. Nesse sentido, o autor aborda a necessidade política de reivindicar o acesso e a produção da pesquisa não restrita aos muros acadêmicos. Aqui a pesquisa assumiu um espaço de potencialização das capacidades democráticas e de decolonização do conhecimento.

Modos “dissidentes” de construir uma pesquisa

A segunda pesquisa intitulada “Pesquisa inter(in)venção e modos de resistência de jovens estudantes dissidentes em sexualidades na tessitura escolar” teve duração de dez encontros, objetivando discutir com alunos do ensino médio de uma escola pública as experiências sobre modos de resistências e de existências de pessoas dissidentes em sexualidade, ou seja, pessoas LGBTQIAPN+. Ao entrar na escola precisávamos, enquanto uma pesquisa que se pretende participativa, decolonizar o nosso próprio “olhar” acerca da pesquisa, repensando processos nesse encontro COM a escola. Este encontro e o fruto dele na pesquisa será sempre ad hoc (KASTRUP, 2007). De maneira contributiva, cenas enunciativas de dois diários de campo que contribuem nesse diálogo serão elencadas a seguir:

Hoje foi o primeiro dia de aproximação com a escola, transformando o projeto de virtual em algo concreto. Visitamos a escola, guiados por Lucas, um bolsista, que compartilhou histórias e

experiências. Descobrimos o evento anual “Sabi”, onde estudantes exibem suas criações artísticas. Aprendemos sobre a história da escola e seu papel na formação de afetos e memórias. As produções artísticas, que incluem poesia, arte e dança, refletem o acolhimento às diferenças. O passeio pelo jardim arborizado, com seus bancos, fontes, lago e ponte, foi uma experiência encantadora. Vimos pinturas contra a LGBTfobia e trechos da canção “Toda forma de amor” de Lulu Santos nas colunas. A escola reflete as demandas de expressão dos estudantes, que esperamos sejam validadas pela gestão escolar. (Trecho do diário de campo de Igor, referente ao dia 23/08/2023).

No início da pesquisa, onde apresentei a escola para o Igor e a B., andamos pela escola conhecendo detalhes e conversando um pouco. Fizemos também uma brincadeira para se conhecer melhor onde consistia em anotar características suas como, comida preferida, cor, o que você gosta...A outra pessoa tinha que adivinhar quem tinha escrito aquele papel de acordo com o que ela achava à primeira vista. Foi notado neste dia que a escola tinha retirado uma estátua de nossa senhora em um período de mais ou menos 1 ano, isso levantou dúvidas e perguntas. No fim falamos sobre os próximos planos e um pouco do calendário, particularmente eu gostei muito do encontro porque me fez pensar coisas que eu jamais pensaria, e notar coisas que no dia a dia passa como algo fútil ou até mesmo despercebido. (Trecho do diário de campo de Lucas, bolsista PIBIC-EM, referente ao dia 23/08/2023).

Entendendo a vivência no campo de forma ampla e divergente para cada habitante, nós pesquisadores da Universidade e os pesquisadores do Ensino Médio tínhamos diferentes pontos de vista sobre nosso primeiro

encontro, o que foi narrado nas primeiras folhas do diário de campo. No entanto, um plano comum se estabeleceu, a vontade e a necessidade de conhecer o outro. Ao longo de todo nosso processo formativo, pudemos construir linhas e caminhos que se entrecruzavam e dialogavam. Os diversos pontos de vista que compunham o fazer pesquisa decolonizava e nos direcionava para uma troca de experiência que permitia um lugar de não saber, uma abertura para criar novas zonas de indagações e, assim, reconstruir a metodologia da pesquisa, como observado no trecho abaixo.

“Percebo que estamos em um momento de pesquisa (que amo, inclusive) em que noto ondulações em relação ao que foi proposto em planejamento idealizado no início da pesquisa. Nosso grupo está em um momento em que mudamos o instituído, brincamos com o que foi posto ao começo do projeto. Como vejo isso? Bem, esse, por exemplo, foi o segundo encontro que não obedecemos e, para além disso, modificamos o que discutiremos.” (Trecho do diário do Igor, referente ao dia 27/09/2023).

De modo geral foi possível habitar os caminhos propostos, bem como foi notável que a pesquisa foi se (re)desenhando no cotidiano. Fato esse, entendível no momento em que estávamos, durante a pesquisa, fazendo mudanças nos conteúdos programáticos construídos de antemão. Experimentar os aliançamentos com as diferenças e também com o novo é um fruto possível ao trabalhar com a investigação cartográfica juntamente com a PI. Com efeito, Kastrup (2007) afirma que o desenvolvimento do método cartográfico para pesquisas de campo no estudo da subjetividade evita a definição de regras abstratas para aplicação. Assim, Kastrup (2007) em vez de buscar um caminho linear para atingir um fim específico, a cartografia é um método ad hoc, porém, sua construção não barra a procura em estabelecer pistas para caracterizar, discutir e coletivizar a experiência do cartógrafo.

No quinto e sexto encontro, o intuito maior foi discutir as realidades cotidianas das pessoas LGBTQIAPN+, destacando os desafios enfrentados

devido à sexualidade e ao gênero. Segundo Foucault (2020), na atualidade todos os corpos têm seu porquê de existir, principalmente para a manutenção de um sistema capitalista. Assim, discutiu-se como, por vezes, corpos dissidentes em sexualidade que ocupam locais periféricos estão em trabalhos pouco remunerados ou são impedidos do direito de permanecer nas escolas, motivado, geralmente, por sexismo ou estereótipos tradicionais das expressões de gênero e sexualidade, criando, assim, ambientes hostis que podem levar ao isolamento ou ao abandono escolar (CARVALHO *et al.*, 2017).

Interessante observar como os estudantes bolsistas do PIBIC-EMs analisaram essas produções através de um olhar localizado, onde a escola apareceu como um recorte da sociedade, que reproduz os mesmos discursos e atitudes sobre pessoas dissidentes em sexualidade. Os bolsistas trouxeram suas vivências e de colegas, momento em que a escola poderia ter agido a favor de proteger esses corpos, mas que ao invés disso reproduziu estereótipos e violências. A escola, então, não se isola das questões macrosociais ligadas a violência. Isso foi abordado em um dos diários de campos produzido por um dos bolsistas, em que esse disserta sobre a aproximação do que acontece na sociedade e na instituição escolar.

Isso não é muito longe da realidade não! Ter que esconder quem você é, por incrível que pareça um dos cantos onde isso mais acontece é na escola, seja por medo de ser motivo de chacota, insegurança, repressão da sexualidade ou até mesmo um período de descoberta, a escola influencia nesse processo de mil maneiras possíveis sendo bom ou ruim. O Que eu acho do curta³, é que ele traz uma mensagem que reflete a situação de muitas pessoas da comunidade lgbtqiapn+ QUE ACONTECE NAS SOMBRAS DA SOCIEDADE QUE A PRÓPRIA FAZ.” (Trecho do diário de Lucas, bolsista PIBIC-EM, referente ao dia 20/09/2023).

Aos poucos, cartograficamente, nosso grupo de pesquisadores percebeu a necessidade em estarmos, por vezes, fora do ambiente escolar para discutir gênero e sexualidade na escola. Para falar dessas vivências trazidas

³ O curta-metragem que atuou enquanto facilitador do encontro narrado nesse dia se chama “Quinze” e possui direção de Maurílio Martins, lançado em 2014. No curta acompanhamos Raquel tentando realizar

seu maior sonho: a festa de quinze anos de sua filha. Aliado a isso, também somos levados aos questionamentos suscitados pelo relacionamento às escondidas que Raquel possui com Cleide.

por Lucas e poder aprofundá-las, era necessário um pouco de desterritorialização. Desse modo, além de visar a consolidação do grupo de pesquisadores através de um possível “passeio”, buscamos desemparedar a discussão, e por isso fomos ao Museu da Fotografia⁴ na cidade de Fortaleza/CE, no qual a temática predominante era a diversidade cultural existente nas diferentes partes do globo. Todavia, o que chamou nossa atenção foi como todos eram afetados pelas imagens de gênero e sexualidade que apareciam de forma indireta, mas que se comunicavam com nosso direcionamento de estudo. Ao passo que enveredávamos nossos caminhos pelos corredores e salas do museu, nossas atenções eram chamadas para produções diversas que traziam o papel da mulher e da população LGBTQIAPN+ em diferentes culturas. Nas imagens era perceptível o peso que o gênero e a sexualidade tem sobre nossas vidas, que para os bolsistas foi retomado nos diários de campo a partir de questionamentos ligados ao papel maternal da mulher na sociedade e a violência que abarca corpos dissidentes em sexualidade.

Figura 3. Visita ao museu.



Figura 4. Visita ao museu



Há a importância de ocupar espaços, desterritorializar o campo da pesquisa e ir germinando nos espaços que nos permitem construir rotas e diversificar debates. O momento no museu foi de decolonização da pesquisa na medida em que, enquanto bolsistas PIBIC-EM e pesquisadores da universidade, conseguimos contextualizar o que estávamos produzindo com vivências outras que se mostravam nas fotos. Ao sair da escola percebemos que esses discursos também atravessam e compunham o próprio arranjo educacional e escolar.

Assim, o método cartográfico, a partir de um caráter inventivo que coloca a ciência em constante movimento de transformação, não apenas refazendo seus enunciados, mas criando novos problemas e exigindo práticas originais de investigação (KASTRUP; BARROS, 2015) possibilita esse movimento de decolonizar espaços geográficos e reorganizar pensamentos pré-estabelecidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em consideração a importância da discussão acerca das práticas de decolonização das pesquisas participativas no cotidiano escolar, realizadas por meio do PIBIC-EM, este artigo lança foco sobre alguns processos de construção da pesquisa COM secundaristas, pesquisas estas que abordam questões de

⁴ O Museu da Fotografia Fortaleza (MFF) abriga um dos maiores acervos fotográficos do Brasil. Fundado e gerido pelo

Instituto Paula e Silvio Frota, o museu está situado em Fortaleza, capital do estado do Ceará.

gênero e de sexualidade no cotidiano escolar. Mostram-se relevantes ao buscar romper com paradigmas eurocêntricos e colonizadores presentes no âmbito das ciências humanas, promovendo, sobretudo, uma ação investigativa e metodológica mais representativa das realidades presentes nas escolas públicas.

As práticas de decolonização da pesquisa no contexto escolar envolvem tanto o reconhecimento quanto a validação das experiências e saberes historicamente marginalizados ou desautorizados, como os saberes juvenis e estudantis. Ressalta-se, neste ponto, a importância e o lugar de potencialidades dos bolsistas PIBIC-EM enquanto agentes analisadores do próprio cotidiano, vinculando essas discussões com a temática da pesquisa, entendendo que os saberes produzidos nas trocas no caminhar da pesquisa desafiam e questionam narrativas hegemônicas e contribuem para o processo formativo crítico individual e coletivo.

Dessa forma, as pesquisas tornaram-se muito mais potentes ao construir alianças institucionais e éticas por meio de uma política pública, como o PIBIC-EM, de

incentivo às pesquisas científicas entre universidade pública e escola pública. Ademais, ressaltamos a importância dessa parceria, ao tentar desconstruir os locais, por vezes, cristalizados pela ciência, corroborando com a democratização do acesso à pesquisa científica e a discussão e problematização de questões ligadas à gênero e a sexualidade.

Assim, ao abordarmos tal debate, construímos um campo que descentraliza corpos cis heteronormativos, criando espaços para que o que dissida tenha seu papel social, cultural e histórico apresentado e reconhecido. A partir daí, a horizontalidade do pesquisar, utilizada a partir do PIBIC-EM, torna-se fundamental no que tange à promoção de uma equidade de saberes e fazeres, que são múltiplas dentro de cada um dos territórios escolares. E, por fim, a pesquisa decolonial permite problematizar as normas e normalidades vigentes na escola, possibilitando questionamentos e tensionamentos, atravessando caminhos que reformulam pensamentos e criando espaços de resistência coletiva, ultrapassando assim lógicas positivistas e extrativistas de se fazer pesquisa.

REFERÊNCIAS

APPADURAI, A. **The right to Research**. Globalisation, Societies and Education; New York; Routledge, Vol.4, No.2, pp 167-177. 2006.

BARROS, L. P.; KASTRUP, V. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; BONASSI, B. Ideologia de gênero e marxismo-engelsismo no site do Escola Sem Partido. **Religare: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da UFPB**, [S. l.], v. 18, n. 1, p. 206–229, 2022. DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.1982-6605.2021v18n1.53272>.

CARVALHO, C. P.; PINHEIRO, M. do R. M.; MARTINS, D. L.; SIMÕES, A. F.; MACEIRAS, M. de J.. Atitudes face à homossexualidade: uma proposta de avaliação para a intervenção socioeducativa. **Itinerarius Reflectionis**, Goiás, v. 13, 2017.

CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSGOUEL, R. **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica**

más allá del capitalismo global. Siglo del hombre editores, 2007.

CEARÁ. **Lei nº 16.025, de 30 de maio de 2016**. Plano Estadual de Educação do Ceará - PEE. [S. l.], 30 maio 2016.

CNPq. **Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico**. 2012. Disponível em: <https://www.gov.br/cnpq/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/programas-ict/pibic-em>. Acesso em: 23/06/2024.

COLLINS, P. H. Pensamento feminista negro: o poder da autodeterminação. In: HOLLANDA, H. B. de (Org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

ESCÓSSIA, L. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. vol. 1. (M. T. Albuquerque, Trad., J. A. G. Albuquerque, Trad.). Rio de Janeiro: Editora Paz & Terra. (Original publicado em 1976). 2020.

KASTRUP, V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. **Psicologia & sociedade**, v. 19, p. 15-22, 2007.

LOURAU, R. O instituinte contra o instituído. In: ALTOÉ, S. (Org). **René Lourau: analista institucional em tempo integral**. São Paulo: Hucitec, 2004, p. 47-65.

MARACCI, J. G.; PRADO, M. A. M. Ofensivas Antigênero e a Depuração dos Direitos Humanos como Política de Estado no Brasil. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, [S. l.], v. 22, n. 4, p. 1372–1392, 2022. DOI: <https://doi.org/10.12957/epp.2022.71643>.

MEDRADO, B., SPINK, M. J.; MÉLLO, R. P. Diários como atuantes em nossas pesquisas: narrativas ficcionais implicadas. In: SPINK, M. J. P., BRIGAGÃO, J. I. M., NASCIMENTO, V. L. V. & CORDEIRO, M. P. (Org.) **A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, p. 274-294. 2014.

MIRANDA, L. L. *et al.* Pesquisando com jovens na escola: desafios da pesquisa-intervenção em dois contextos escolares. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 20, p. 245-254, 2016.

MIRANDA, L. L.; GONCALVES, S. D. ; BARROS, E. E. S. ; GONCALVES, L. T. L. ; QUEIROZ, A. A. Jovens pesquisadores do cotidiano escolar: uma análise do processo de pesquisa. In: BARROS, J. P. P. ANTUNES, D. C.; MELLO, R. P. (Org.). **Políticas de vulnerabilização social e seus efeitos: estudos do programa de pós-graduação em psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC)**. 1ed.Forlaleza: Imprensa Universitária UFC, 2020, v. 1, p. 264-283.

PAULON, S. A Análise de Implicação como Ferramenta na Pesquisa-intervenção. **Psicologia & Sociedade**, vol. 17, n. 3, p. 18-25. 2005.

PINTO, V. H. DE. O. **A escola como microcosmo da sociedade: práticas reprodutivas e inclusivas**. Campina Grande: Realize Editora, 2014. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/8351>. Acesso em: 06/06/2024 22:16.

REIS, T.; EGGERT, E. Ideologia de gênero: uma falácia construída sobre os planos de educação brasileiros. **Educação & Sociedade**, v. 38, p. 09-26, 2017.

RIBEIRO, R. A.; PULINO, L. H. C. Z. Outubro, 2016, Brasil - as ocupações de escolas brasileiras da rede pública pelos secundaristas: contextualização e caracterização. **Rev. psicol. polít.**, São Paulo , v. 19, n. 45, p. 286-300, ago. 2019 . Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2019000200011&lng=pt&nrm=iso. acessos em 24 jul. 2024.

ROCHA, M. L. da; AGUIAR, K. F. de. Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 23, p. 64-73, 2003.

SANTOS, V. M. dos. Notas desobedientes: decolonialidade e a contribuição para a crítica feminista à ciência. **Psicologia & Sociedade**, v. 30, p. e200112, 2018.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In: HOLLANDA, H. B. de (Org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

VIANNA, C.; BORTOLINI, A. Discurso antigênero e agendas feministas e LGBT nos planos estaduais de educação: tensões e disputas. **Educação e Pesquisa**, v. 46, p. e221756, 2020.

WALSH, C. **Interculturalidad, estado, sociedad**. Universidad Andina Simón Bolívar, Sede Ecuador: Abya-Yala, 2009.